



Fotos: Leonardo Bittencourt

# Alquimia em tempos digitais

POR MÁRIO FITTIPALDI

Ainda usada, a platinotipia garante imagens de extrema beleza graças à sua enorme gama tonal. Saiba mais sobre a técnica de impressão química por platina e paládio

**M**isturar elementos, emulsionar papel, expor à luz ultravioleta e depois a seguidos banhos químicos parece coisa do passado. E é mesmo: a platinotipia, processo de impressão de imagens fotográficas que utiliza sais de platina e paládio pa-

ra fixar a imagem no papel, foi patenteada em 1873 pelo britânico William Willis. Como todo processo químico fotográfico, viveu seus dias de ostracismo. Contudo, em plena era digital, vem sendo resgatado por fotógrafos de renome de várias partes do mundo não só pelo casamento perfei-



to entre a tecnologia atual e o charme dos processos de ampliação P&B do passado, mas sobretudo graças à excelente qualidade da impressão resultante e da grande durabilidade.

Leonardo Bittencourt, fotógrafo e impressor de Itajaí (SC), é pioneiro na técnica de platina e paládio no Brasil. Ele explica que as fotos impressas por platinotipia são belíssimas, com riqueza de detalhes e

ampla gama tonal de cinza. “O impressor pode controlar aspectos como o contraste, dependendo da intensidade da exposição à luz UV, o tom, que pode ir do preto-sépia ao preto quente e intenso, dependendo da proporção entre platina e paládio, entre outros fatores, para obter uma imagem única que, em si, é uma peça de arte”, diz. Segundo ele, durante o processo ocorre uma reação química que reduz os sais de plati-

**Imagens impressas por platina e paládio possuem ampla gama tonal de cinza e geram belas imagens que duram séculos**